

O IMPARCIAL

ANNO I

Florianopolis, 13 de Fevereiro de 1916.

N. 6

ORGÃO INDEPENDENTE.—Estado de Santa Catharina—PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

Expediente d'„O IMPARCIAL“

Reductor—A. C. Gonçalves

— Assignaturas —

Anno. 2\$500

Semestre. 1\$500

Numero avulso . . . \$100

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada à «Redacção d'O Imparcial. — Posta Restante. — Florianopolis».

Aviso — A 1.º de Março, suspenderemos a remessa d'„O Imparcial“ para todos os senhores que, até aquella data não tiverem pago suas assignaturas, apezar de procurados, diversas vezes, pelo nosso cobrador.

O mesmo faremos com os assignantes do interior do Estado.

Essa medida será também extensiva aos illustres cavalheiros que, cautelosos, declararam que só pagariam depois de serem publicados mais alguns numeros d'este quinzenario.

Assim retribuiremos a *prova de confiança* de tão *liberaes favorecedores*.

Aos distinctos cidadãos que, após haverem recebido com regularidade o nosso jornal, recusaram satisfazer seus debitos, esquivando-se ao cumprimento de um dever, «O Imparcial» toma a liberdade de aconselhar que colliquem a imporrancia da assignatura de um semestre (1\$500) na Caixa Economica, afim de, em pouco tempo, se tornarem millionarios, graças aos *fabulosos jurós* d'essa quantia.

Nossa attitude

Os rabiscadores do incomensuravel *clarão* continuam na ingloria tarefa de atacar insolentemente a todas as associações religiosas, lançando mão das mais torpes calumnias, mas não têm a coragem necessaria para assumirem a responsabilidade de seus actos, procurando sempre a capa do anonymato quando se exhibem em publico.

E' preciso que tirem as mascaras, tornando-se mais conhecidos da população d'esta terra!

Como ninguem ignora, o povo é essencialmente religioso e repelle com desprezo e nojo as

sandices d'esses miseraveis que se intitulam pregadores da moral, quando não passam de difamadores, empregando a calumnia, como unica arma de sua predilecção.

Sim, aquelles que accusam incessantemente as familias religiosas de nossa terra, devem assignar os artiguetes que publicam, com declinação dos nomes dos culpados, para que a Justiça os puna, mediante provas apresentadas; caso contrario, são considerados vis calumniadores!

Esses covardes nem ao menos sabem respeitar o que ha de mais sagrada—a honra!

Em suas investidas, quaes animaes ferozes, não encaram o profundo abysmo que estão cavando para sua completa ruina e desmoralisação.

Enchem as columnas do desprezível *clarão* com improprios tentando ridicularisar todos os actos solemnes de nossa santa Religião, porém a linguagem desenfreada não produz o desejado effeito e simplesmente causa riso, como sabem provocar os palhaços com suas pilherias.

Amedrontados e com receio de cahirem n'alguma alhada, não responderam ao repto lançado pelas columnas d'esta folha, porque estão convencidos das mentiras e calumnias que têm publicado contra as mais respeitaveis familias.

Por esse motivo, não lhes convém entrar n'uma lucta seria, de que infallivelmente seriam vencidos e ficariam completamente desmoralizados.

Prosigam no degradante papel de detractores da honra alheia.

Em quanto estiverem masca-

rados, podem businar a vontade que não ficamos atordoados, certos de que nos encontrarão sempre animados e de viseira erguida, combatendo os calumniadores.

Se soubessem respeitar as crenças de cada um e não atacassem a torto e a direito aquelles que não seguem as suas extravagantes ideias, não passariam pelo dissabor de ouvir tantas verdades e que não podem soffrer a minima contestação.

E' bastante conhecido o antigo rifão:

«Quem diz o que quer, ouve o que não quer.»

Sabemos perfeitamente que estamos perdendo o precioso tempo com tão perversos *escrevinhadores*, porém, não esmorecemos de nossa acolhida e louvavel attitude.

Em grupos pelas esquinas e que não passam de dois a tres, vê-se esses typos em discussão calorosa e enraivecidos pela frivola razão de achar-se exgotado o poço de mentiras e calumnias que fornecia materia ás columnas do impagavel *clarão*.

Tenham paciencia, pois estamos dispostos a defender a familia catharinense contra as emboscadas dos calumniadores que caminham impunes na sociedade.

E' esta a nossa attitude e d'ella não nos afastaremos.

Capitão Euclides de Castro

A 3 do corente, festejou o seu anniversario natalicio o bravo e humanitario pacificador dos sertões do nosso Estado, capitão Euclides de Castro.

Ao brioso militar, embora tardiamente, apresentamos nossas felicitações.

O IMPARCIAL

Por motivo de força maior, o 7.º numero do nosso jornal só será publicado a 5 de Março. Aos nossos favorecedores pedimos desculpas por essa falta involuntaria.

Deshumanidade

Ha dias vagavam pelas ruas de Porto Alegre, na maior miséria, implorando a caridade publica, afim de poderem voltar ao convívio dos entes queridos, 72 sargentos, ultimamente transferidos para a guarnição d'aquella cidade e alli excluidos das fileiras do exercito, como implicados no chamado «caso dos sargentos.»

Mais deshumano não podia ser o procedimento das altas autoridades militares com esses brasileiros, entre os quaes não poucos já arriscaram a vida em defeza da Lei, afastando-os do seio de suas familias para depois excluil-os e deixal-os abandonados em terra distante, sem recursos para regressarem ao Rio de Janeiro.

Felizmente o exmo. sr. Presidente da Republica, num gesto digno de applausos, reconhecendo a injustiça e deshumanidade com que estavam sendo tratados esses humildes ex-servidores do paiz, determinou que o sr. Ministro da Guerra providenciasse no sentido de lhes ser tornecida passagem até ao porto do Rio de Janeiro.

Muito bem! S. exa. mostrou ser bom brasileiro.



O illustrado engenheiro Dr. Couto Fernandes, presidente da Liga Esperantista Brasileira, endereçou ao nosso intelligente collaborador Sr. Gustavo Neves delicado cartão, felicitando-o pelo seu artigo «A lingua esperanto», publicado no 4.º numero d'O Imparcial.

Carta commovente

Depois de uma sangrenta batalha, uma patrulha allemã encontrou entre os mortos um joven tenente francez do 14 regimento de hussards. Estava deitado, com a cabeça encostada a uma arvore, ferido no peito. Junto delle estava seu cavallo, de cabeça baixa, como signal de luto. O official tinha na mão o retrato de uma menina que á primeira vista se conhecia ser sua irmã. No bolso encontrou-se uma carta dirigida á mesma. Os allemães tiraram ainda um retrato do official e despacharam-no junto com a carta. Eis a traducção da carta:

«Não te entristeças, mas eu sinto que não te verei mais, nem a ti nem a nossa Bretanha. Um presentimento seguro me diz que a morte me espera, hoje ou amanhã. Não fosses tu, Margarida, com gosto morria. Mas a tua lembrança me entristece muitas vezes desde o começo da guerra. Se fosses mais velha ou se tivesses mais irmãos ou parentes chegados... mas assim sozinha, uma florzinha na sepultura dos paes, este pensamento quer quebrar-me o coração. E, contudo, querida pequena, não percas a coragem. A tua subsistencia está bem garantida. O sr. cura a quem te recomendei e hoje mais uma vez te recommendo, te será um tutor paternal. Conserva-te boa, querida Margarida. Não vás ás grandes cidades. Conserva-te fiel á nossa querida pequena povoação. Evita tudo quanto é um perigo para tua fé e tua innocencia. E quando fores moça e quizeres ligar tua sorte á de um homem, indaga se elle reza, indaga se elle é honesto. Não te des a qualquer um. Que só o melhor te sirva. Não te esqueças de mim. Não sei onde será minha sepultura. Talvez perto d'aqui, entre as collinas dos Argones. Como nunca a poderás enfeitar, enfeita a de nossos paes no cemiterio de nossa povoação.

Toda rosa que alli depositares, florescerá também para mim. Reza por minha alma. Quando estiver junto de papae e mamãe, lhes darei muitas lembranças da pequena e direi que ella é sempre boa. Toma coragem. Teu anjo da guarda será teu companheiro. Falla com elle. Elle me referirá tuas palavras. E' curta a vida. Chegará o dia em que irás visitar-nos lá em cima, para ficares connosco sempre. Honra a Deus e ama a França. Beijo em espirito a tua frente. Adeus, saúda a Bretanha e o querido verde mar. Teu irmão que morre pela França—Henry.»

(Da Ave Maria.)

A voz do orgulho

«Homens!

Eu sou o vosso mais sincero amigo, o vosso fiel servidor, o vosso «anjo inspirador.»—sou o Orgulho!

Desejo a destruição do mundo... a guerra!...

D'aqui do meu altar de honra, quero ouvir incessantemente o trôar dos vossos canhões e contemplar a confusão das vossas baionetas, as cidades em chammas, a desgraça das familias, o afundamento de navios, depois de terem sido quasi totalmente devorados pelo fogo...

E com que alegria verei tudo isso!

Homens, servos meus, eu vos prometto a gloria que almejaes!

Ouvi-me e attendei-me e eu saberei recompensar-vos!

A' guerra, homens! Abandonae as vossas familias e segui á morte ou á vida, em busca da gloria que eu darei aos vencedores...

Sus!... Porque exhitaes em obedecer-me? Acaso não credes que só eu,—que sou o imperador do mundo,—só eu mesmo possuo a gloria que desejaes?...

Vamos! lançaes-vos ao vosso proximo e não o deixeis escapar ás vossas armas!

Não quero vêr a felicidade nos lares, nem a paz. Só ruínas só sangue, só gemidos, só desgraça!

Eia, pois, homens, á destruição, á carnificina, á desgraça, á ruína,—por meio do fogo, do ferro e da miséria!...

Porque exhiates, ainda?

Subi ao meu altar, onde se acham commigo as minhas auxiliares—a Inveja e a Ambição—e d'onde podereis, então, contemplar, com grande vergonha, o progresso dos vossos visinhos, superior ao vosso!

Homens! Não os tolereis pois que si isso fizer les encontrareis, para vós, em vez da gloria que procuraes, a ruína e o juço... Lembrae-vos de que sou o vosso mais sincero amigo e, por isso, só posso desejar para vós a felicidade... Assim, pois, deveis attender os meus conselhos.

Mostrae o vosso poder e não vos humilheis jamais.

Lembrae-vos da gloria que vos prometto!...

Assim fallou o Orgulho, que ainda é o imperador d'este planeta, aos homens que procuram a gloria pelo sangue do proximo: E, encontrando a verdade naquellas palavras, os homens trataram de attendel as.

O mundo tornou-se, então, um brazeiro fumegante; os lares, aos quaes, a felicidade sorria, foram invadidos pela desgraça impia; a orphandade e a viuvez tiveram o seu reinado; a deshonna avassalou os povos; enfim, a destruição, o mortificinio e a carnificina eram o commum trabalho do homem!

E a civilização tão falada, só então foi comprehendida: era um mero sonho da humanidade!

Entretanto ha, ainda, no meu coração uma esperança que me faz confiar, e expol-a-hei ao leitor amavel e paciente, embora seja eu considerado, com fazel-o, um louco ou um sonhador; essa esperança diz-me que a civilização libertar-se-ha, no futuro, dos laços da hypocrisia que

a prendem actualmente. E, conhecedor que será de que os seus deveres não passam além dos limites do trabalho honesto e do amôr ao proximo, o homem concluirá a fraternidade que, ainda neste seculo, é sómente uma sombra. E, assim, deixará elle de conquistar a gloria por meio do ferro e do fogo!...

Gustavo NEVES.

Acha-se em festa o lar do distincto moço Sr. Francisco Dutra Junior e de sua joven esposa pelo nascimento de uma robusta menina, occorrido a 5 do corrente. Parabens.

Os grandes heróes

Mais uma vez os nossos irrequietos visinhos do norte pretenderam se apossar de uma parte do municipio catharinense de Canoinhas.

Garbosos contingentes da *invicta* policia do sr. Cavalcanti, sob o commando talvez de *bravos* collegas do malogrado João Gualberto, partiram para a nova conquista.

Se a Allemanha vencera a Belgica e resiste ás grandes potencias europeas, facilima seria a lucta de uma policia *valorosa*, que no Irany *não debandou*, com meia duzia de *bisonhos* catharinenses sob a direcção do capitão Euclides.

Assim pensava o governo do Paraná. E os *emulos* dos grandes heroes que a historia registra tomaram Poço Preto, aclamados pela *multidão* percorreram as ruas da *importante villa* de Vallões e dispostos se achavam a travar combate com a policia catharinense, que os esperava em Canoinhas, quando o exmo. sr. Presidente da Republica resolveu impedir que em territorio brazileiro tivesse logar uma *batalha* identica á de Marathona, pois é certo que se o tiroteio se travasse a po-

licia paranaense teria o mesmo procedimento *heroico* que mostrou no combate de Irany e assim os catharinenses venceriam uma força que lhe era muitissimo superior, em numero, já se vê, pois em coragem...

Felizmente fracassou a plano *patriotico* dos nossos visinhos.

O governo federal evitou, em tempo, o derramamento de sangue de brazileiros.

Hospedes

Florianopolis tem a honra de hospedar, actualmente, tres illustres filhos que muito têm elevado lá fóra o nome catharinense.

São elles o coronel Francisco Salles Brazil, bravo militar e apreciado jornalista, capitão de mar e guerra Henrique Boiteux, brilhante ornamento da marinha nacional, e major Dr. Nestor Passos, valoroso official que inestimaveis serviços prestou á Patria na campanha que acaba de tero seu epilogo com a tomada do reducto de Tamanduá

«O Imparcial», que bastante aprecia as bellas qualidades de tão estimados patricios, cumprimenta-os, desejan-do-lhes longa e feliz permanencia em nossa terra.

Novos jornaes

Recebemos e agradecemos os seguintes:

JORNAL DE TIJUCAS, bem redigido semanario que, sob a competente direcção do Sr. Barthen Junior, acaba de sahir á luz da publicidade na prospera villa de Tijucas.

O PALHAÇO, jornal critico, que appareceu nesta capital a 30 de Janeiro e que promete fazer rir até os mais sizudos.

O CLAMOR DO POVO, jornal independente, que será publicado semanalmente nesta cidade e que traz bons artigos em seu numero de apresentação.

Carnaval

O nosso distincto amigo sr. Octavio Melchiades pede-nos para convidarmos a população d'esta capital para comparecer ao desembarque de Monsieur Momo, que chegará hoje do Rio de Janeiro, via Herval.

Ao desembarque do illustre personagem, que terá logar no trapiche municipal, ás 20 horas, comparecerá uma banda musical e os valorosos «Tenentes do Diabo.»

Consta-nos que S. S. vem a esta capital fazer *autopsia* na S. C. Filhos de Plutão e animar, com sua presença, a S. C. Tenentes, que, graças aos carinhos dos srs. Octavio Melchiades e Alberto Corrêa, conseguiu restabelecer-se da grave enfermidade que a prostrara.

O estudioso moço Sr. Ildelfonso Juvenal acaba de publicar, em elegante folheto, um interessante trabalho sob o titulo «*Florianopolis*», no qual mostra grande amor á terra de seu nascimento.

Agradecemos o exemplar com que nos mimoseou.

Atenção!!

Muitos bichos esquisitos
Esta garrafa contem!
Vê-se pulgas e mosquitos
Água pura é que não tem.

Exposta na redacção,
A todos quero mostrar.
Verdadeira aberração!
Ninguém pode duvidar.

D'essa agua da torneira
Não deve beber a gente,
Só passada na *peneira*,
Mesmo assim fico doente!

Ora, bolas! meu amigo,
Sempre vives a falar!!
Guarda a garrafa contigo,
Procura a bocca tapar.

Zé Caipora

OBRA MERITORIA

Parece que não tem tido o acolhimento merecido a subscrição aberta pelo nosso collega «O Estado», por iniciativa do integro magistrado dr. Bento Portella, para auxiliar ás creanças que, com o movimento dos bandoleiros, ficaram em extrema miseria.

E' de lamentar que o povo catharinense, sempre solícito em minorar a desgraça do proximo, não tenha, d'esta vez, amparado uma obra tão meritoria.

O nosso collega «O Olho», pretende publicar, breve, uma revista semanal, litteraria e illustrada, sob o titulo «Revista d'O Olho».

Secção dos novos

Áfim de servir a jovens conterraneos que ora começam a exercitar-se nas lides litterarias, introduzimos no nosso jornal esta nova secção, em que serão acceitos todos os trabalhos que, assignados, nos forem enviados e com os quaes a redacção nada tem que ver.

No ar e no mar

O mar, que estava tão brando como que entornado n'uma profunda meditação, ondulava com serenidade e singular harmonia...

O ar estava revestido d'uma mudez etherea; no azul da vastidão do firmamento nem sequer se moviam debeis azas multicores das borboletas ou se observava o tremulo esvoaçar dos colibris.

Tudo jazia solitario e suave, pittoresco e poetico. Era uma placidez melancholica, que se apoderava da actividade natural do mundo. Mas apesar de tudo isso, como era romantica e grandiosa aquella calma toda sublime?!

...Na praia se erguia uma ponteaguda pedra bordada de lichens bellas parasitas viçosas que os interrompiam aqui e acolá, cada qual mais perfumosa e colorida. Entre aquelles suaves aromas, um passaro que emigrára das mattas fizerà, entre mysticos enlevos, o seu abrigador ninho, onde aquecia os tenros filhotes...

...A tarde ia perdendo o seu esplendor magnetico; o astro rei atirava ao longe, lentamente, os seus olhares já enfraquecidos pela trajetoria dos seculos!...

Uma multidão de peixes se ia approximando da praia arenosa. Um delles observou o passaro no seu misero aposento e manteve com elle um interessante dialogo interrompido constantemente pelos ruidos dos vagalhões que se enraiveciam ao rigido soprar da ventania que furiosa e impetuosamente se erguêra.

Durante o dialogo cada qual pretendia dar mais renome á sua classe.

«Quem poderá do alto do espaço observar o universo, olhar as nuvens, encarar o sôl e as estrellas, fitar a vastidão celeste, a verdura dos bosques, sondar emfim a natureza em sua magnificencia?»

Os passaros sómente!...

O peixe volve-se um tanto descontente e exaltado exclama querendo attestar a sua superioridade: «Quem pôde espelhar-se á face do oceano, sondar as profundezas dos mares, quem beija as alvacentas perolas?... Somente a nós é dado tal privilegio!...»

Assim proseguiam osexaltados contendores com as mais inabalaveis convicções... Soavam as horas. O horizonte jazia ennegrecido; uma noite de inverno projectava um luar abronzeado. Miriades de estrellas scintillavam no firmamento!...

João G. Melchiades de Souza

22-1-1916.

Leiam O IMPARCIAL